

Projecto "Inscrever a Europa nos muros das cidades" deixa marcas em Tondela
Inscrever os direitos humanos de azulejo em azulejo



Françoise Schein é uma artista arquitecta que, há 15 anos, se dedica à divulgação dos Direitos Humanos. A convite do Centro de Informação Europeia Jacques Delors, a criadora da associação Inscire - Writing the Human Rights tem percorrido cidades portuguesas. O objectivo é, através da arte, dar a conhecer a Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia..

Texto **Liliana Garcia**

Fotografia **Isabel Nogueira**

A arte pode ser uma forma de educar e consciencializar os cidadãos. É nisso que acredita Françoise Schein, uma artista arquitecta que se dedica, há 15 anos, à divulgação dos Direitos Humanos, através da arte. De 16 a 20 de Fevereiro, a artista desenvolve, nas instalações da ACERT, em Tondela, um atelier de pintura em cerâmica. Os participantes são alunos do ensino secundário e os objectivos desta iniciativa, promovida pelo Centro de Informação Europeia Jacques Delors, consiste em inscrever a Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia num painel de azulejos. Futuramente, o painel será colocado num espaço público de Tondela, para que a comunidade conviva com as palavras inscritas, com os seus próprios direitos.

Os direitos humanos são uma força que sustenta a Terra. É como se Atlas, em vez de sustentar o céu com as mãos e com a cabeça, suportasse os solos com a força dos direitos da humanidade. Esta imagem é de Françoise Schein e explica a motivação da artista para trabalhar em estações de metropolitano de várias cidades europeias. É como se os trabalhos da artista belga quisessem revelar que, na profundidade da terra, os direitos humanos ganham raízes inquebráveis .

Foi em Paris que a arquitecta começou a trabalhar em estações de metro. Nessa altura, fazia trabalhos de cartografia, um modo de "conhecer a alma de uma cidade", como refere Françoise Schein. Em 1987, dois anos antes do bicentenário da Revolução Francesa, a criadora propôs, ao Metro de Paris, executar um mapa do próprio metro, uma "estrada dos Direitos Humanos". Proposta aceite, ao fim de três anos. O início de uma "utopia".

Como surgiu o trabalho em Portugal? Em 1990, Françoise Schein pensou que seria interessante desenvolver trabalho num país com uma jovem democracia. Ao chegar a Lisboa, a artista esboçou uma história de afectos, que tem vindo a ganhar contornos bem vinculados. "Portugal foi uma história de amor, o aprender a língua, o estudar a História" – exprime Françoise Schein.

A criadora da associação Inscire – Writing the Human Rights sente-se portuguesa ("Sou belga, portuguesa, brasileira"). Quando chegou a Lisboa, começou a chorar, como se a sua alma já tivesse sido percorrida pelo território português. "É como se tivesse sido uma reencarnação", relembra. Em Portugal, desenvolveu trabalho no atelier da empresa de cerâmica Viúva Lamego. Dois anos para aperfeiçoar a técnica de pintar azulejo.

A arquitecta, nascida em Bruxelas, debruçou-se sobre o papel de Portugal nos Descobrimentos e criou um painel alusivo à exploração dos escravos nessa época. Esse trabalho de azulejaria encontra-se na estação Parque, em Lisboa, e as paredes reflectem o cruzamento da história de Portugal com a criatividade interventiva de Françoise Schein.

A convite do Centro de Informação Europeia Jacques Delors (CIEJD), Françoise Schein tem desenvolvido, em Portugal, o projecto internacional "Inscrever a Europa nos muros das cidades". Porto, Alcabideche e Serpa são alguns dos locais onde já se desenvolveu este projecto que envolve jovens e crianças. Durante este ano, para além de Tondela, o CIEJD espera realizar o projecto em mais quatro cidades portuguesas. A ideia é, a partir da leitura da Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia, propor aos jovens a criação de hieróglifos que condensem o artigo seleccionado. O passo seguinte é a pintura dessa imagem em azulejos. Devido à tradição portuguesa, a cor utilizada na pintura dos azulejos é o azul. No Brasil tem usado as cores verde e turquesa, e na Alemanha as cores da corrente Bauhaus (branco, preto, azul e amarelo).

O que move Françoise Schein é a ideia de fazer. O espaço de intervenção não tem limites fronteiriços e, mesmo não trabalhando para as Nações Unidas, considera fazer um trabalho da responsabilidade desse organismo internacional. "Os meus projectos são mais conhecidos que eu e é assim que eu gosto" – remata a artista que, apesar dos entraves económicos, não pretende abandonar a utopia em que se tornou a sua vida.